

**UMA CHANCE
DE LUTAR**

ELIZABETH WARREN

UMA CHANCE DE LUTAR

TRADUÇÃO DE TERESA DIAS CARNEIRO



Copyright © 2014 by Elizabeth Warren

Edição publicada mediante acordo com Metropolitan Books, divisão da
Henry Holt e Company, LLC, Nova York. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
A Fighting Chance

PREPARAÇÃO
Ângela Viana
Ângelo Lessa

REVISÃO
Laís Curvão
Nina Lua

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

FOTOGRAFIA DE CAPA
Kelly Campbell

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
W252c

Warren, Elizabeth

Uma chance de lutar : como uma mãe de classe média se tornou uma
das senadoras mais influentes dos Estados Unidos / Elizabeth Warren ;
tradução Teresa Dias Carneiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
400 p. ; 23 cm.

Tradução de: A fighting chance
Inclui índice
caderno de fotos
ISBN 978-85-8057-886-7

1. Warren, Elizabeth, 1949 - Biografia. 2. Políticos - Estados unidos -
Biografia. 3. Estados Unidos - Senadoras - Biografia. I. Título.

15-28834

CDD: 923.2
CDU: 929:32

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Octavia, Lavinia, Atticus e todos os nossos filhos

Sumário

Prólogo: Uma chance de lutar	9
1 A escolha das batalhas	13
2 A guerra das falências	57
3 Socorro financeiro às pessoas erradas	93
4 O que 1 milhão de dólares por dia pode comprar	140
5 Uma agência para o povo	178
6 A batalha pelo Senado	222
Epílogo: Lutando sem parar	288
Posfácio à edição de 2015	292
Notas	303
Agradecimentos	371
Índice	381

Prólogo: Uma chance de lutar

Meu nome é Elizabeth Warren. Sou esposa, mãe e avó. Durante quase toda a vida, eu teria dito que sou professora, mas acho que não dá mais para me identificar assim. Agora tenho de me apresentar como senadora dos Estados Unidos, apesar de ainda me surpreender quando falo isso.

Esta é a minha história, uma história nascida da gratidão.

Meu pai era zelador, e minha mãe, telefonista da Sears. Acima de tudo, eles queriam dar um futuro a mim e a meus três irmãos mais velhos. E nós quatro tivemos uma vida boa. Meu irmão mais velho, Don Reed, foi militar durante vinte anos e participou de 288 missões de combate no Vietnã. Nos anos de vacas gordas, meu irmão John tinha um emprego sindicalizado de operador de guindaste; nos de vacas magras, aceitava qualquer trabalho que surgisse na construção civil. Meu irmão David teve uma boa sacada e abriu uma empresa. Quando a coisa não deu muito certo, abriu outra, porque não conseguia conceber um mundo em que não fizesse o que lhe passava na cabeça todos os dias. Fui para a faculdade e me tornei professora, primeiro de crianças com necessidades especiais, depois de estudantes de direito. Só comecei a me envolver com política muito depois. Todos nos casamos e tivemos filhos, e meus pais encheram as paredes, a porta da geladeira e os tampos das mesas com fotos de seus netos muito amados.

Serei grata aos meus pais até o dia da minha morte. Eles trabalharam duro — duro de verdade — para que meus irmãos e eu nos déssemos bem na vida. Contudo, pelo menos em parte, também fomos bem-sucedidos por termos tido a sorte de crescer num país que investiu em crianças como nós e ajudou a criar um futuro em que pudéssemos desabrochar.

Eis a verdade nua e crua: os Estados Unidos não estão mais construindo esse tipo de futuro.

Hoje o jogo está viciado — viciado para beneficiar quem tem dinheiro e poder. Grandes empresas contratam exércitos de lobistas para obter brechas de bilhões de dólares no sistema fiscal e convencer seus amigos no Congresso a apoiar leis que mantenham o jogo vantajoso para elas. Em contrapartida, dizem às famílias de trabalhadores sérios que elas precisam ter sonhos mais modestos com relação aos filhos.

Durante a geração passada, esmoreceu-se a determinação dos Estados Unidos de dar a cada criança a chance de ingressar numa faculdade ou num curso técnico com preços acessíveis. A infraestrutura básica que nos ajuda a abrir empresas bem-sucedidas e a conseguir empregos prósperos — estradas, pontes e redes elétricas — se deteriorou. A pesquisa científica e médica que deu origem a curas milagrosas e invenções, da internet à nanotecnologia, hoje mendiga verbas, e o fluxo de pesquisa não para de encolher. O otimismo que nos define como povo foi golpeado e saiu ferido.

Mas não precisa ser assim.

Estou determinada — determinadíssima — a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para nos ajudar a ser mais uma vez o país que cria oportunidades para todos que queiram trabalhar com ardor e seguir as regras. Um país que presta contas e joga limpo, que constrói um futuro não apenas para alguns de nossos filhos, mas para *todos*. Um país onde todos tenham o que eu tive: uma chance de lutar.

Minha história parece bem improvável, até para mim. Nunca imaginei que concorreria a um cargo político, mas, por outro lado, nunca achei que faria um monte de coisas na vida. Nunca imaginei que escalaria uma montanha. Nunca imaginei que conheceria o presidente dos Estados Unidos. Nunca me imaginei loura. Mas aqui estou eu.

Tudo começou em Oklahoma, onde cresci, e continua aos trancos e barancos, numa vida construída em torno de maridos, bebês e pequenos incêndios na cozinha. Fui abrindo caminho, começando numa faculdade cuja maioria dos alunos não reside no campus, num emprego de professora, numa faculdade pública de direito e, por fim, na docência. Conforme me enfronhava na pesquisa acadêmica, fui ficando cada vez mais preocupada com o que ocorria com as famílias americanas, e a história se transferiu para Washington, onde me iniciei em minha primeira luta política. Em 1995, concordei em

assumir o que achava ser um emprego público de meio período que me ocuparia por alguns anos, e logo me vi envolvida numa batalha relativa à lei nacional de falências. Sei que soa meio obscuro, mas em essência foi um conflito sobre se nosso governo existe para servir aos bancos gigantescos ou às famílias que lutam para sobreviver.

A batalha durou muito mais do que eu imaginava — na verdade, uns bons dez anos. Ao longo dela, minha vida pessoal se desenrolou entre formaturas, enterros e netos. Quando ela chegou ao fim, eu me engajei em outra, e depois mais outra, num total de cinco grandes lutas. Seus temas variaram da luta pelo recomeço para famílias atingidas pelo desemprego ou por uma doença grave, passando pela tentativa de forçar o governo a ser transparente sobre o que de fato estava acontecendo no caso do socorro financeiro a bancos e chegando ao enfrentamento com os grandes bancos a respeito de hipotecas desonestas. Contudo, na minha opinião, mesmo que tenham me levado por caminhos diferentes, as cinco batalhas se resumem a uma única ameaça mais profunda: a classe média americana está sob ataque. E, o que é pior, não está sendo atacada por uma força incontrolável da natureza. Ela se encontra em apuros porque o jogo está sendo deliberadamente fraudado.

Este livro conta uma história bastante pública sobre fraude, socorros financeiros e eleições. Também conta uma história muito pessoal sobre mães e filhas, creches e cachorros, pais que envelhecem e crianças manhosas. Não pretende ser o relato definitivo de nenhum evento histórico — é apenas sobre o que vi e vivi. É também uma história de perdas, de aprendizado e do fortalecimento que se dá nesse caminho. É uma história sobre causas pelas quais vale a pena lutar e sobre como às vezes, mesmo quando combatemos oponentes muito poderosos, *podemos* vencer.

Nunca esperei ir para Washington. Meu Deus, na maior parte do tempo eu nem *quis* ir. Entretanto, estou aqui para lutar por uma causa que, acredito, compensa absolutamente tudo: dar aos nossos filhos uma chance de lutar para construir um futuro cheio de promessas e descobertas.

1 | A escolha das batalhas

Sei o dia em que cresci. Sei o minuto em que cresci. Sei por que cresci. Estava com doze anos, era alta para a minha idade e tinha plena consciência do quanto era magra. Meus ossos eram salientes nos pulsos, joelhos e cotovelos. Eu tinha dentes tortos e usava óculos para leitura. O cabelo escorrido era castanho-escuro, cortado duas vezes por ano pela minha tia Bert. Eu já sabia que nunca seria bonita como Candy, minha prima bem mais velha, que fazia parte de uma fraternidade e se casara com o filho de um vendedor de carros bem-sucedido.

Eu estava de pé no quarto da minha mãe num dia agradável de primavera. Ela havia tirado um vestido preto do armário e o esticara na cama. Estava chorando. Minha mãe chorou muito depois que meu pai adoeceu.

Meses antes, num domingo frio e cinzento, meu pai estava consertando o carro. Antes de anoitecer, ele entrou e sentou à mesa da cozinha. Simplesmente ficou ali, sentado. Meu pai nunca parava quieto, então estranhei vê-lo parado, olhando para baixo, como se concentrado em algo. Sua pele estava coberta de manchas; suas mãos tremiam.

Eu estava sentada à mesa lendo, e minha mãe, no fogão, fritava algo para o jantar. Ela lhe perguntou o que estava acontecendo. Meu pai não respondeu, então ela o acusou de estar doente, o que ele negou. Fechei o livro e subi para o meu quarto.

Depois de um tempo, minha mãe me chamou nas escadas: “Betsy, vamos para o hospital. Fique aqui e jante.” Na época, meus três irmãos já eram adultos e não moravam mais conosco, então só restávamos eu e a minha cadela, Missy. Após o jantar, Missy comeu as migalhas, e eu fiquei esperando que alguém voltasse para casa.

Na semana seguinte, tia Bee e tio Stanley foram me buscar na escola. Toda tarde, eles me levavam ao hospital, onde minha mãe fazia companhia ao meu pai. Papai estava magro, e o cabelo grisalho fora cortado curto. Seus olhos eram azul-claros e sua pele clara sempre estava um pouco queimada de sol, mas, ali, ela estava acinzentada e tinha a aparência cansada.

Durante toda a semana, os membros da nossa igreja passavam na nossa casa levando vasilhas com comida e sobremesas enormes. Lembro-me de como empregavam a expressão *ataque cardíaco*. Havia uma pausa antes de pronunciarem as palavras. “Quando seu pai teve, hummm, o ataque cardíaco, estava trabalhando lá fora?” “Soube que seu pai teve, hum, um ataque cardíaco. Espero que ele fique bom.” As pausas me assustavam.

Depois que teve alta do hospital, meu pai ficou em casa por muito tempo.

Comia ovos poché sem as gemas, e, quando ele tirava uma sacola de compras do carro, minha mãe gritava: “Pare, Don! Pare agora!” Eu percebia um fio de pânico na voz dela.

Morávamos em Oklahoma City. Meus pais haviam comprado aquela casa específica porque ficava bem dentro do que minha mãe considerava o melhor distrito escolar da região. A fiação da casa soltava faíscas e o gesso caía do teto, mas meu pai era habilidoso e ainda havia um quintal grande onde minha mãe cultivava íris e rosas. Naquela primavera, meu pai não fez reparos na casa. A maior parte do tempo, ficava sentado numa cadeira velha de madeira na garagem, fumando e com o olhar fixo em algum lugar ao longe.

Minha mãe costumava me buscar na escola com nossa caminhonete marrom metálica. Certo dia, ela apareceu dirigindo o velho Studebaker bege-claro que meu pai usava para ir e voltar do trabalho. Ao entrar, perguntei onde estava a caminhonete.

— Foi embora.

— Para onde?

— Foi embora.

Continuei insistindo. Minha mãe olhava fixo para a frente. Seus dedos apertavam o volante.

Depois de mais um “Para onde?”, ela respondeu baixinho:

— Não conseguimos pagar. Eles levaram.

Eu não deveria ter perguntado.

Por fim, o médico do meu pai disse que ele podia voltar ao trabalho, mas, de alguma forma, seu antigo emprego como vendedor de carpetes na Mont-

gomery Ward desaparecera. A loja lhe dera outra função, de vendedor de cortadores de grama e cercas, só que ele não receberia mais salário fixo, apenas uma comissão. Meu pai era naturalmente calado, não era do tipo que se dava bem como vendedor.

Certa vez, no jantar, perguntei-lhe por que não trabalhava mais no setor de carpetes. Minha mãe interveio falando sobre carga horária e o seguro dele. Não entendi seus apartes, porém notei o tom amargo. Na opinião dela, a empresa roubara de meu pai algo pelo qual ele tinha trabalhado. Então, ela soltou: “Eles acham que ele vai morrer.”

Eu precisava parar de fazer perguntas.

Um dia, depois da aula, fui com minha mãe e tia Bee ver uma casa com placa de ALUGA-SE no jardim. Era pequena, branca e construída sobre blocos, o que significava que cachorros e guaxinins podiam se esconder debaixo dela. Ainda lembro que tinha um cheiro estranho, de poeira e comida velha.

Não perguntei por que precisávamos nos mudar.

Algumas vezes, naquela primavera, ouvi meus pais discutindo. “Discutindo” não é bem a palavra, já que meu pai nunca dizia nada, enquanto minha mãe levantava cada vez mais o tom de voz. Eles passaram a beber mais, muito mais. Ninguém me disse nada, mas eu sabia, do jeito que as crianças sempre sabem das coisas. Sabia que estávamos prestes a perder nossa casa, do mesmo jeito que havíamos perdido o carro. Sabia que minha mãe culpava meu pai por não fazer “o que se espera que um homem faça”, por não cuidar da gente.

Dias depois, eu estava no andar de cima, de pé, no quarto da minha mãe. O rosto dela estava inchado, e ela esfregara os olhos até ficarem bem vermelhos. Havia mais de dez lenços de papel usados pela cama, perto do vestido preto.

Eu me lembrava do vestido de anos antes, quando ainda morávamos em Norman. Era o que ela usava em enterros e formaturas. Era feito de um tecido preto engomado, com mangas curtas e decote na frente com um laço na altura do pescoço. Ele fechava com um zíper lateral.

No começo fiquei confusa, me perguntando se alguém tinha morrido. Então entendi que ela estava se arrumando para um compromisso importante. Minha mãe soubera que havia empregos disponíveis na Sears Roebuck perto da nossa casa e ia fazer uma entrevista. Ela tinha cinquenta anos.

Quase não notou minha presença, mas, ao lutar com o sutiã e pôr a meia-calça, minha mãe começou a falar. Não perderia a casa. Iria até a Sears. Receberia apenas um salário mínimo, mas isso era muito melhor que trabalhar

por comissão. Betsy podia cuidar de si. Fiquei na dúvida se ela falava comigo ou sozinha, então me mantive calada.

Ela enfiou o vestido pela cabeça, lutando para passá-lo pelos ombros, pela barriga e puxá-lo até o quadril. Em algum momento, já quarentona e depois de ter dado à luz quatro filhos, a mulher esbelta com quem meu pai havia se casado dera lugar a uma versão mais roliça de si mesma.

Fiquei olhando enquanto minha mãe fechava o vestido. Ela prendeu a respiração. Puxou o zíper. As lágrimas rolavam pelo queixo e caíam no chão. Por fim, conseguiu fechá-lo. Esfregou os olhos com outro lenço de papel e assoou o nariz. Parou por um instante.

Por fim, ela levantou a cabeça e me encarou.

— Que tal? Está muito apertado?

O vestido estava *de fato* muito apertado, até demais. Estava arrochado. Achei que iria explodir se ela se mexesse. Mas eu sabia que não havia outro vestido bom no armário.

Foi então que atravessei o limiar. Não era mais uma criança.

Fiquei parada ali, da altura dela. Olhei-a no fundo dos olhos e respondi:

— Está ótimo. É sério.

Fiquei de pé na varanda e a observei descer para a rua. Àquela hora do dia, o lugar era bem silencioso. O sol estava quente, e ela andava vacilante nos saltos altos, porém seguiu em frente.

Minha mãe ficou com a vaga de telefonista na Sears. Mais tarde, meu pai largou o trabalho de vendedor na Montgomery Ward, ou talvez tenha sido demitido. Não sei bem. Arranjou um emprego de zelador, limpando as áreas comuns de um prédio. Meus pais ficaram naquela casa até eu concluir o ensino médio, mas depois desistiram e se mudaram para um apartamento.

Minha mãe nunca teve nada fácil. Lutou por tudo o que ela e meu pai conquistaram na vida. E, quando as coisas ficaram difíceis de verdade, fez o que precisava ser feito.